

---

# CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FASE B DO QUARTO KONDRATIEV<sup>1</sup>

## CONSIDERATIONS ABOUT THE FOURTH PHASE B KONDRATIEV

Washington Soares Silva<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** O presente artigo busca analisar os principais acontecimentos que moldaram a fase B do quarto ciclo de Kondratiev.

**Palavras-chave:** ciclos econômicos, industrialização, economia política.

**ABSTRACT:** This article seeks to analyze the key events that shaped the phase B of the fourth Kondratiev cycle.

**Key words:** business cycles, industrialization, political economy.

### Introdução

O modo de produção capitalista sempre foi regido por períodos de expansão e retração, as crises periódicas, sejam estas de superprodução, setoriais etc. tiveram continuamente essa característica. Alias Engels já havia identificado essa tendência ao assinalar a crise europeia de 1848. Em meados da década de 1920 Nikolai Kondratiev propôs a teoria das ondas longas. Tanto Engels quanto Kondratiev sabiam que a sociedade, assim como a natureza, são regidas por leis, o próprio Marx, analisando o funcionamento da economia capitalista analisou e sistematizou várias delas (mais valia etc.). O estudo das leis que regem o sistema capitalista possibilitou verificar suas flutuações cíclicas dando origem a teoria dos ciclos econômicos. No Brasil, Ignácio Rangel (1914-1994), foi praticamente o único a trabalhar com a ideia de ciclos econômicos (mas precisamente as ondas largas da conjuntura ou ciclos de Kondratiev), que posteriormente foram bastante uteis para que o referido autor desenvolvesse a tese da dualidade da economia brasileira<sup>3</sup>, segundo essa visão o Brasil sendo uma formação social periférica, reage de forma dinâmica aos impulsos vindos do centro do sistema (ciclos Kondratiev) sempre combinando modos de produção distintos ao longo de suas etapas de desenvolvimento histórico. A tese da dualidade básica da economia brasileira possibilitou compreender o país a partir da sua formação econômica e social, assim como Lênin fez em *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, apreender a gênese, desenvolvimento e tendências futuras de uma determinada sociedade<sup>4</sup>.

---

1 Uma versão resumida deste artigo foi publicada nos Anais da VIII Semana de Geografia da Unesp Campus Experimental de Ourinhos(SP) "Qual é o modelo de desenvolvimento que queremos? Um olhar geográfico sobre o território e suas dinâmicas socioeconômicas e ambientais", Outubro de 2012.

2 Aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Armen Mamigonian. E-mail: washingtonss198603@yahoo.com.br

Artigo recebido em junho de 2013 e aceito para publicação de agosto de 2013.

---

Entretanto, apesar de utilizada por inúmeros pensadores W. C. Mitchell, J. Schumpeter, E. Mandel, G. Haberler, M. Kalecki, A. Mamigonian dentre outros, a teoria dos ciclos econômicos sempre gerou certa desconfiança, economistas, sociólogos, geógrafos, etc. principalmente a partir da década de 1980 se referiam a ela como modismo “era moda na época... Hoje já não serve”, as mistificações ocasionadas pela “globalização” e as políticas neoliberais que assolaram os países de Terceiro Mundo, obviamente, também são explicadas como modismo, assim, como as crises no capitalismo são chamadas de recessões, “pausa para respirar”, ou, crescimento insuficiente. É preciso ressaltar que essas crises cíclicas não “brotam do chão”. A ideia de ciclos na economia é bastante útil para entender o movimento de fusões e aquisições de empresas, as tendências a queda da taxa de lucro, a forma como se gesta e se propaga a tecnologia e, a divisão internacional e territorial do trabalho, desde se saiba usa-la de forma criativa e original.

### **Os ciclos econômicos**

Os ciclos econômicos já faziam parte do ideário marxista, principalmente os de curta duração estudados por Marx e Engels, como os ciclos juglarianos<sup>5</sup>. Já as ondas largas da economia, como os ciclos de Kondratiev, que duram aproximadamente meio século, tendo, um quarto de século de período expansivo, ou, fase A e, um quarto de século de período depressivo, ou, fase B, eram uma novidade um tanto estranha. Até hoje existem marxistas que preferem negar, ou, simplesmente ignorar sua existência<sup>6</sup>.

Nos anos de 1950, logo após o segundo pós-guerra, velhas teorias sobre o comportamento da economia a longo prazo voltaram a ser debatidas, entre elas, as ondas largas da conjuntura, ou, ciclos de Kondratiev batizadas por Joseph A. Schumpeter com o nome do economista russo que os estudou mais aprofundadamente, Nikolai Kondratiev, que realizou suas descobertas fundamentais na década de 1920, mas que foi renegado pelos seus compatriotas. Na União Soviética foi cassado e enviado para a Sibéria, não se sabe exatamente o motivo, no Ocidente suas ideias foram rejeitadas.

Em sua pátria é possível que a ideia de que o capitalismo pudesse renascer das cinzas depois de um período de intensa crise, corolário inescapável de sua teoria, coetânea dos planos quinquenais que se estavam arquitetando, tivesse que disputar não com um capitalismo enfraquecido, mas em franca expansão não foi bem visto pela batalha político-ideológica travada na época. No Ocidente a ideia de fortalecimento do sistema capitalista, desmentindo a concepção leninista da crise geral, também não foi bem aceita (a não ser por alguns homens de gênio, com Schumpeter<sup>7</sup> à frente), pois deixava implícito que depois de um período de intenso crescimento econômico, viria uma crise tão violenta como tinha sido idílica a fase ascendente.

Não a toa Kondratiev se tornou um profeta maldito nos dois lados da “cortina de ferro”; quanto a nós não há como não admirar o gênio que dispondo de tão poucos recursos conseguiu estabelecer um quadro que se afigura incrivelmente revelador.

### **A dinâmica dos ciclos de Kondratiev**

O ciclo longo é um ciclo ligado a uma base, ou seja, possui uma raiz, uma matriz tecnológica, sendo um processo que ocorre porque a tecnologia criada por uma revolução industrial tem vida própria, ligada a política econômica que os países adotam e, chegava um ponto que este dinamismo tecnológico perdia velocidade deixando de ser tecnologia

realmente lucrativa. Esta tecnologia envelhecia. Em suma, o ciclo nasce com a revolução industrial, se esgota, havendo necessidade de uma nova revolução tecnológica que por sua vez levava dois ciclos Kondratiev, já que a economia capitalista carecendo de novos avanços tecnológicos impulsionava nova revolução industrial<sup>8</sup>. Exemplo: no período depressivo anterior (1920-48), o ciclo Kondratiev serviu de estímulo a busca de novas invenções tecnológicas que pudessem resgatar a lucratividade perdida, busca desenfreada, mas localizada, sobretudo na Alemanha e nos Estados Unidos; busca atrás da eletricidade, do motor a combustão, novos métodos de produção que acabaram desembocando na linha de produção fordista. Concomitantemente, na Inglaterra e na França houve um processo diferenciado, a busca da lucratividade se deu através da exploração dos seus impérios colônias adquiridos, ou, pela aquisição de novas colônias (exploração ao máximo e monopólio do comércio).

No que concerne a America Latina, esta reagiu através da famosa substituição de importações, conforme a fórmula esboçada pela Cepal (Comissão econômica para a America Latina) que teve em Raúl Prebisch um dos seus principais teorizadores, de acordo com essa teoria a America Latina pode crescer para fora (*crecimiento hacia afuera*) os países que conseguirem se enquadrar na divisão internacional do trabalho, podem se desenvolver estimulados pelo crescimento do comercio exterior, ao exportarem, mas a America Latina também pode crescer para dentro (*crecimiento hacia adentro*) substituindo importações, formando uma reserva de mercado e, se industrializando.

### **O Brasil nas fases B do kondratiev**

Apesar dos ciclos econômicos, originarem-se no centro dinâmico do sistema capitalista e, serem, portanto, um fenômeno exógeno a economia brasileira, o fato é que o Brasil, como um país de economia periférica e de capitalismo tardio, costuma seguir os impulsos que vem do centro dinâmico, não pacificamente, mas de forma bastante dinâmica, conforme ressalta I. Rangel<sup>9</sup>,

“Daí resulta que o nosso desenvolvimento econômico dista muito de ser limitado as fases A ou ascendentes dos ciclos longos. Nossa economia, confrontada com os movimentos duradouros de fluxo e refluxo, em suas relações com o centro dinâmico universal, encontra meios de crescer ‘para fora’, expandindo a produção exportável, ou ‘para dentro’, promovendo uma forma qualquer de substituição de importações. Assim: (a) a fase B do primeiro kondratiev suscitou um movimento de substituição de importações, cuja manifestação dominante foi a diversificação da produção, nas unidades produtivas básicas da época, isto é, as fazendas de escravos... e, possivelmente, os grandes latifúndios feudais do Sul e do Sertão nordestino; (b) a fase B do segundo kondratiev, de par com a abolição da escravatura, trouxe-nos, no quadro urbano, a proliferação de unidades artesanais, simetricamente com o que, no ciclo anterior, acontecera no interior das fazendas, mas em condições muito diversas, visto como, em vez de produzirem para auto consumo, faziam-se para o mercado, cedendo a produção natural o passo à produção pré-capitalista – pequena produção – de mercadorias, e suscitando assim o pleno desenvolvimento do capitalismo mercantil, antes limitado, em grande parte, ao campo do comércio exterior; (c) a fase B do terceiro kondratiev poria em marcha o desenvolvimento do capitalismo industrial, com o seu característico dinamismo, ao suscitar uma substituição capitalista ou industrial de importações”.

Em outras palavras o Brasil na fase expansiva, aumenta a demanda agroexportadora e amplia as importações; na fase de retração, ocorrem os mecanismos “naturais” de substituição de importações devido a redução nas divisas e aumento do déficit na balança comercial. Isso acontece porque ao contrario do centro do sistema, no Brasil a industrialização se deu primeiramente pelo Departamento II (bens de consumo) e posteriormente pelo Departamento I (bens de produção).

### **O quarto Kondratiev**

A fase B do quarto ciclo de kondratiev iniciou-se segundo todas as indicações, em 1973, fim dos “trinta anos gloriosos”, termino da fase A do quarto kondratiev (1948-73). Essa fase depressiva é diferente da fase depressiva do terceiro kondratiev (1920-48). De acordo com Mamigonian<sup>10</sup> o período depressivo torna-se diferente pelos seguintes aspectos:

“A impressionante recuperação pela qual passou a economia americana na década de 80 tem relação direta com a política keynesiana (e não liberal) adotada pelo governo Reagan de alavancar a corrida armamentista... usando déficits orçamentários e gigantescas emissões de bônus do tesouro americano (endividamento junto aos bancos japoneses, alemães etc.) com fontes de financiamento, favorecendo a retomada da atividade produtiva, a criação de milhões de empregos, bom como um forte estímulo às indústrias de alta tecnologia e outras (IBM, Microsoft, Boeing, etc.). Paralelamente as grandes empresas privadas da segunda revolução industrial (GE, Ford, etc.) foram estimuladas e financiadas a abandonar suas estruturas fordistas ‘inchadas’ e passaram por reestruturações que as aproximaram de estruturas toyotistas, que seus cientistas sociais passaram a chamar de envergonhadamente de ‘flexíveis’ ou ‘pós-fordistas’ (Scott e Storper entre os geógrafos)... Em resumo, os EUA puseram em prática, na década de 80 e na atual (Clinton), uma política econômica combinando medidas keynesianas e neoliberais em doses planejadas pelo Estado, incluindo além do que já foi exposto 1) uma abertura controlada, visando importar bens de consumo simples e duráveis que ajudem a rebaixar os custos de reprodução da força de trabalho, além de petróleo e matérias-primas necessárias, 2) medidas neoliberais para uso no exterior; cobrança de juros dos devedores, aberturas dos mercados financeiros e de mercadorias na América Latina e em inúmeros tigres asiáticos, incluindo dolarização cambial, como na Argentina, e absorção do movimento das bolsas, como no caso das ações brasileiras hoje mais transnacionalizadas em Nova York do que em São Paulo, 3) medidas neoliberais intensas em matéria fiscal, com diminuição de impostos às empresas e aumento junto à classe média, nas desregulações nas relações de trabalho e em certos setores, como nas finanças e na aviação, 4) uma política agressiva de ampliação do território econômico americano (Nafta, que faz com que 85% das exportações do México se dirijam aos EUA) e a crescente inclusão de novas áreas (Caribe, em estado avançado e América Latina, África negra e Europa Oriental, em disputa com a Europa)”.

Se a fase depressiva do quarto kondratiev começou pontualmente em 1973 porque não terminou em 1996, vinte e cinco anos depois de iniciada a fase depressiva? Ora, como já foi indicado, os EUA passou a planejar suas relações econômicas, geopolíticas, monetárias etc., passaram a fazer uma abertura econômica controlada, em outras palavras, não aconteceu nenhuma crise parecida com a de 1929-30, antes os ciclos juglarianos eram

controlados por uma economia de tipo keynesiana, agora a economia norte-americana passou a ter o papel de planejamento dos fluxos financeiros e da capacidade de controlar as crises transformando-as em dívidas dos países de terceiro mundo (Consenso de Washington); como não aconteceu nenhuma crise radical como a de 1929-30, não houve um sucateamento brutal da economia mundial<sup>11</sup>, os processos de fusão e aquisição, renovações tecnológicas e cartelização da economia estão acontecendo de forma controlada (atualmente)<sup>12</sup>; desaceleração das mudanças tecnológicas (em termos de escala). Isso explica porque esse período depressivo demorou tanto, concretizando-se em 2008 com a crise imobiliária americana, crise financeira já que os papéis negociados possuíam valores acima dos concretamente existentes.

### Considerações finais

É importante resaltar que diferentemente da crise econômica de 1929-30, período depressivo do terceiro Kondratiev, na fase B do quarto Kondratiev não aconteceu nenhuma crise radical, não houve o sucateamento brutal da economia mundial; em suma os processos de fusões, aquisições e cartelização da economia ocorreram de forma controlada, através de uma política anticíclica feita pelos Estados Unidos.

Entretanto, no caso brasileiro, como resolver os desafios impostos pela dinâmica dos ciclos de Kondratiev e do nosso próprio ciclo interno, juglariano? Acreditamos que Ignácio Rangel<sup>13</sup> tenha decifrado o enigma ao apontar, principalmente, a partir da década de 1960, discutindo a dialética da capacidade ociosa, que determinados setores da economia se desenvolvem mais do que outros nas fases ascendentes dos nossos ciclos breves e, para que a economia brasileira não entre em recessão é imprescindível o estabelecimento de uma intermediação financeira que coloque os recursos ociosos do setor dinâmico para o setor deficitário do organismo econômico nacional.

Ora, como já referido anteriormente, o Brasil começou seu processo de industrialização pelo Departamento II (bens de consumo), depois pelo Departamento I (bens de produção). Acontece que por seguir uma ordem inversa dos países que compõem o centro do sistema capitalista que se industrializaram pelo setor de bens de produção (máquinas e equipamentos), no Brasil um determinado setor da economia se desenvolve subutilizando seu potencial produtivo (ociosidade), enquanto outros apresentam dificuldades em acompanhar o setor dinâmico da economia (antiociosidade), assim uma intermediação financeira que pudessem realocar os recursos dos setores dinâmicos (que compõem a poupança da economia nacional) representada atualmente pelo setor privado, para os setores deficitários (antiociosidade) representados pelos serviços de utilidade pública (que corresponde ao setor de investimentos), faria com que a economia nacional conseguisse superar a crise provocada pelo seu ciclo interno (juglariano)<sup>14</sup>. Isto é, o Estado investe em novos setores e em ciclo posterior em novíssimos e assim em diante, até a aproximação tecnológica com o centro do sistema.

### Notas

3 - Cabe assinalar que para Ignácio Rangel "... a economia brasileira está sujeita a dois ciclos: um é endógeno e outro que é o reflexo do que se passa na economia mundial. Quando falamos em crise, devemos precisar se é da crise do ciclo longo, correspondente à economia mundial, ou se é da crise do ciclo breve, que corresponde à economia interna que se faz. Na realidade, temos que pensar nos

dois ciclos. Há momentos em que o ciclo é longo, de 50 anos; e outro é breve, 10 anos, aproximadamente. Há momentos em que os dois coincidem e se somam. Então, a economia está em expansão ou recessão e/ou, por efeito do ciclo longo e também por efeito do ciclo breve. O breve é algo que corresponde a uma etapa do nosso desenvolvimento; a etapa da nossa industrialização. Como o ciclo longo é reflexo da economia mundial, convencionou-se chamar que estamos vivendo o quarto ciclo longo, o de Kondratiev. Portanto, nesse ciclo de Kondratiev tem uma fase ascendente e uma fase descendente, ou seja, uma fase de prosperidade e uma fase difícil. Esses ciclos longos têm um reflexo muito marcado sobre a economia brasileira, que é uma economia periférica, reflete esses ciclos longos com muito maior fidelidade do que os países industrializados. Nossa independência foi o fenômeno que aconteceu como reflexo da entrada da economia mundial na fase recessiva. O ano de 1815 foi o ano da batalha de Waterloo e também o ano em que a economia mundial entrou em recessão. Foi um ano em que o Brasil surgiu como uma economia relativamente independente, com vida autônoma, como uma economia separada de Portugal. Essa mudança na economia brasileira, sete anos depois, teria se reflexo político na independência nacional. A independência foi reflexo da fase recessiva, ou seja, da crise do primeiro ciclo longo. Vivemos um período recessivo que se prolongou até, aproximadamente, 1848. Nesse ano de 1848 foi tumultuado, mas foi também um ano em que a economia saiu da recessão e passou a ter uma fase ascendente.” O Brasil de Ignácio Rangel *In: Jornal dos economistas*, nº 190, maio de 2005.

4 - “A aplicação da ideia marxista de formação social levou Lênin a escrever em 1899 o Desenvolvimento do capitalismo na Rússia, estudo ao mesmo tempo de economia política e de geografia econômica.” Cf. MAMIGONIAN, A. “Introdução”. *In: \_\_\_\_\_, Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico*. 264 pags. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

5 - “A revolução industrial dos fins do séc. XVIII inaugurou os ritmos indústrias de várias durações, principalmente os ciclos decenais (juglarianos) e os longos, de cinquenta anos (Kondratieff), cada ciclo com fase expansiva (“a”) a fase depressiva (“b”). Marx e Engels constataram os ciclos decenais entre 1848 e 1857, que foram sistematizados estatisticamente por Juglar em 1860. Engels assinalou também a chamada ‘longa depressão do final do séc. XIX’ e a sistematização estatística dos ciclos longos foi feita entre 1918-21 por N. Kondratieff (1926).” MAMIGONIAN, A. Ciclos econômicos e organização do espaço. *In: Geosul, Florianópolis*, v. 14, n. 28, p. 152-157, jul./dez. 1999.

6 - Para o leitor pouco familiarizado com o assunto vale a pena apresentar a numerologia básica de kondratiev, a qual para muitos, ainda há de ser cabalística, a saber:

Primeiro ciclo longo: fase A: 1790-1815/fase B: 1815-1847

Segundo ciclo longo: fase A: 1847-1873/fase B: 1873-1896

Terceiro ciclo longo: fase A: 1896-1920/fase B: 1920-1948

Quarto ciclo longo: fase A: 1948-1973/fase B: 1973- ?

Claro está que Kondratiev não poderia ir além de 1920, pois dele não se tem notícias desde daquela década, mas a extrapolação é perfeitamente admissível.

7 - Joseph Schumpeter lecionou por diversos anos nos Estados Unidos, “pregando” as ideias de Nikolai Kondratiev, por toda a América vários neoschumpeterianos, tiveram como base de seus estudos a teoria das ondas largas.

8 - Armen Mamigonian. Palestra “A crise mundial e a América Latina Hoje”, UNESP, 2008.

9 - RANGEL, I. Ciclo, tecnologia e crescimento. *In: \_\_\_\_\_, Obras reunidas*, Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. [1969-1981].

- 10 - MAMIGONIAN, A. Capitalismo e socialismo em fins do século XX: visão marxista. *In: Revista Ciência Geográfica*. AGB-Bauru, Bauru-SP, Ano VII, Vol. I nº 18, Janeiro/Abril, 2001, p. 4-9.
- 11 - O funcionamento do ciclo kondratiev, foi alterado, através de uma política anticíclica do governo norte-americano, que contou com a coordenação dos bancos centrais da Europa, EUA, Japão na contenção das crises.
- 12 - Ver para o caso brasileiro CORRÊA, Domingos Sávio. Fusões e aquisições de empresas no Brasil: concentração de capital e desnacionalização da economia. *In: Revista Ciência Geográfica*. AGB-Bauru-SP, Ano X, Vol. X nº 2, Maio/Agosto, 2004.
- 13 - RANGEL, I. Economia brasileira contemporânea. *Idem*. p. 409-547 [1983-1987].
- 14 - “Isso posto, não será difícil de perceber o destacado papel que o ciclo econômico brasileiro reserva para o serviço de intermediação financeira – vale dizer, o estratégico papel atribuído, no seio da problemática econômica geral, para a questão financeira. Por outras palavras, a retomada do ritmo de crescimento não resulta, essencialmente, do reinvestimento dos lucros de cada empresa em sua própria expansão, mas do investimento, em um setor, de lucros originários da atividade de outros setores, trazendo implícita a questão dos meios e modos usados para captar, diretamente, ou via setor família, ou Estado, no polo de ociosidade, o excedente econômico que surgirá como investimento no polo oposto, isto é, no polo de antiociosidade ou área dos pontos de estrangulamento.” RANGEL, I. Ciclo, tecnologia e crescimento. *In: \_\_\_\_\_*. *Obras reunidas*, Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. [1969-1981].

## Referências

- MAMIGONIAN, A. *Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico*. 264 pags. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.
- \_\_\_\_\_. Palestra “A crise mundial e a América Latina Hoje”, UNESP, 2008.
- \_\_\_\_\_. Capitalismo e socialismo em fins do século XX: visão marxista. *In: Revista Ciência Geográfica*. AGB-Bauru, Bauru-SP, Ano VII, Vol. I nº 18, Janeiro/Abril, 2001, p. 4-9.
- Ciclos econômicos e organização do espaço. *In: Geosul*, Florianópolis, v. 14, n. 28, p. 152-157, jul./dez. 1999.
- RANGEL, I. Ciclo, tecnologia e crescimento. *In: \_\_\_\_\_*. *Obras reunidas*, Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. p. 255-408 [1969-1981].
- \_\_\_\_\_. Economia brasileira contemporânea. *Idem*. p. 409-549 [1983-1987].
- \_\_\_\_\_. A dinâmica da dualidade brasileira. *Idem*. p. 552-566 [1962].
- \_\_\_\_\_. Dualidade e “escravismo colonial”. *Idem*. p. 623-635 [1978].
- \_\_\_\_\_. A problemática política do Brasil contemporâneo. *Idem*. p. 636- 644 [1979].